



Vista pittoresca dos paços reais de Cintra — (Desenho e artigo de Nogueira da Silva — Gravura de Alberto)

Postoque muitas hajam sido as investigações sobre a origem d'este notavel e pittoresco palacio, contudo, nenhuma d'ellas espalhou ainda uma luz que penetrasse profundamente as trevas que envolvem o nome do seu fundador. O que, apenas, se póde ver é que foram arabes os que lhe pozeram os alicerces e levantaram as construcções fundamentaes, porque isso nos mostram o estylo e o plano particular em que está moldado.

Alguns escriptores attribuem a sua fundação a D. João I; mas a esta opinião se oppoem as ultimas palavras de um bom documento, o mais antigo que para illucidação do assumpto se tem achado, que é uma doação que dos paços reaes de Cintra faz aquelle monarcha, em 4 de dezembro do anno da sua aclamação, 1365, a D. Henrique Manoel de Vilhena, conde de Cêa, como prova de particular affeição e premio dos muitos serviços prestados por este nobre descendente do rei de Castella, S. Fernando; e que depois foi annullada, não se sabe como, pelo proprio D. João I, que, attentando melhor nas bellezas, que fazem de Cintra um verdadeiro paraíso, se arrependeu da sua munificencia, na verdade, um pouco precipitada e larga de mais.

O soberano que principiou a gosar das delicias de Cintra, com frequencia, foi D. Affonso III; D. Manoel o rei que, em mais larga escala, começou a desenvolver o palacio; e é do reinado d'este principe que data o amalgama de estylos e plantas diversas, segundo o capricho, a móda e as commodidades de cada monarcha, que tanto caracteriza aquelles edificios, onde interiormente nada reina que corresponda á luxuosa decoração exterior. N'uma época em que o ouro chovia sobre Portugal, e era, por assim dizer, a aureola que esmaltava o fundo onde se via fulgar esplendida a gloria das nossas assombrosas e inimitaveis conquistas, devia ser mui natural que o gosto propendesse todo para o luxo das riquezas materiaes. Fazia-se gala de forrar os aposentos de ostentosas tapeçarias, e ornamenta-los com alfaias de custosos valores; e, apenas, para a arte, propriamente dita, se guardavam os tectos, como para ficar, creio eu, mais fóra do alcance da vista, que mesmo assim não póde encarar sem resfriamento, as linhas contrahidas do desenho, e a pallidez cadaverica da pintura.

A mais bella das obras de D. Manoel é a *sala das armas*, cujas janellas e portas, de brincados relevos, dão exteriormente ao palacio a feição architectonica mais caracteristica do *gothico-florido* ou *manuelino*, que distinguem inimitavelmente as construcções monumentaes do *rei afortunado*. No centro do tecto d'esta sala sobresaem as armas reaes, e, em circulos concentricos, primeiro, as armas de toda a familia real então existente, e depois os escudos das familias nobres que mais distinctamente gravaram com a espada o seu nome nos fastos maravilhosos dos nossos tempos heroicos.

Entre estes brazões vêm-se dois espaços onde mal se descobrem vestigios de pintura. Ahi estavam os escudos do ultimo duque de Aveiro e dos

marquezes de Tavora, justicados em 1759, pelo conhecido crime de attentado contra a vida de D. José. A dignidade mandou apaga-los, deixando d'elles, apenas, uma leve sombra como para significar a nodoa com que aquelles fidalgos mancharam a honra dos grandes de Portugal.

Mandou D. Manoel fazer as pinturas primitivas d'estes brazões com a idéa manifestamente politica de premiar os serviços, e estimular o nobre orgulho dos que tanto tinham concorrido para tornar o nosso nome admirado e temido em todas as partes do mundo; e não satisfeito com traduzi-la pelas cores, determinou que as letras viessem ajudar os que não sabiam ler na plastica do pensamento, fazendo traçar em grandes caracteres doirados, junto ao friso, os seguintes quatro versos, correspondentes ás quatro paredes da sala: — *Pois com esforços leaes— Serviços foram ganhados— Com estes e outros taes— Devem de ser conservados.*—

Ha nos paços de Cintra duas salas, cuja extrema singeleza dá á memoria e consideração dos factos que alli se passaram um tom mais poetico e melancolico. Uma é a *sala do conselho*. N'ella decidiu terminantemente D. Sebastião partir para a Africa. Allieccoou pela ultima vez a voz do entusiasmo, que as areias africanas abafaram para sempre. É uma sala pequena, rodeada de simples assentos revestidos de azulejos, e no centro dos quaes um tem a fórmula de cadeira de braços, onde o joven monarcha malfadado se assentava. De preciosidades apenas guarda uma chaminé de marmore, obra, segundo boas auctoridades, do admiravel cinzel de Miguel Angelo, que um papa offereceu a D. Sebastião.

A outra sala é aquella onde primeiramente esteve preso D. Affonso VI. Nada tem de notavel senão a memoria d'este facto, que os pés d'aquelle infeliz rei assignalaram, gastando o ladrilho do pavimento desde o logar da cama até á janella onde esperava o seu antigo valido Conti, que á serra fronteira ia de vez em quando, dar-lhe algumas esperanças de liberdade; estreito desafogo que de todo lhe fecharam, passando-o para outro quarto mais acanhado, e quasi sem respiração.

Muitas outras circumstancias de notavel importancia historica fazem do palacio de Cintra o mais curioso dos nossos paços reaes.

Alli se meditou realisar empresas que ninguem até então havia sequer sonhado. D'alli partiu a directriz que conduziu as nossas froças ás conquistas d'além-mar. Alli existe a camara onde nasceu e se finou D. Affonso V. Alli colheram, palmas, o creador da nossa scena dramatica, o espirituoso Gil-Vicente, na representação dos seus autos; martyrios e saudades, o mavioso Bernardim Ribeiro, nos seus amores com a infanta D. Beatriz.

Eis a historia resumida do monumento que a gravura representa n'uma das mais pittorescas vistas que, á distancia, se gosam nos frescos e floridos recintos de Cintra.

A razão é o conselheiro da alma.

DO MOVIMENTO

Bosquejo philosophico

Por A. OSORIO DE VASCONGELLOS

I

Uma das corôas mais gloriosas, que cinge a fronte serena e radiosa da sciencia, é sem duvida essa synthese admiravel, profundamente philosophica, pela qual, ao cabo de immensos trabalhos e fadigas nem sempre incruentas, a humanidade galga mais um estadio no seu caminhar.

Se os heraldicos e antiquarios m'o permittem, a sciencia é a arvore genealogica da humanidade, é o padrão glorioso que attesta a nobreza da grande familia humana, que trabalha, lida, tressua continuamente, obedecendo a uma lei providencial.

Qualquer que seja a hypothese antropogenica, que se adopte, ou o homem, conforme diz a biblia, seja um anjo caído, um rei destronado, ou como dizem outros, a transformação de um orangotango, ou seja simplesmente e desde a criação do mundo, o que é agora, isto é, um ser pensante, posto que rude e bronco a principio, o que não se pôde negar é que teve de construir desde os alicerces o edificio da sua civilização, qual a de que estamos fruindo.

O homem lançado na terra safara e povoada de animaes ferozes, domou ou affugentou estes, arroteou e cultivou aquella. Trabalhou, e no trabalho sciente firmou o seu dominio. Grande pela intelligencia, collocado pelo destino defronte do grande esphinge da natureza, tratou de lhe devassar os segredos, de lhe roubar as forças, para as aproveitar em beneficio proprio. Cada conquista que fazia, era mais um passo que andava, mais um fóro de fidalguia, mais um brazão nobliarchico.

A sciencia é pois o conjuncto de todos esses esforços, em virtude dos quaes, o homem saído de berço humilde, sentou-se no throno da realza.

Mas se faltasse á sciencia um nexu philosophico, de que servira tanto encelleirar, se as proprias riquezas ameaçavam confundir-se e cair no cahos, d'onde a s foi extrahindo o genio do homem?

Para que tanto esmeuçar de analyse, se a synthese não concluia nenhuma lei geral, nenhum d'esses grandes principios, que são apoios para novas conquistas e novos combates?

Este é o caracter distinctivo da sciencia moderna, como a fizeram os Descartes e Pascal e Leibnitz. Sciencia sem philosophia é uma luz ephemera e repentina, é um fogo fatuo, que pôde allumiar um momento, rasgar as trevas, que circundam o homem, mas não é pharol brilhante, que alenta e dirige o mareante no grande oceano do desconhecido.

E este é tambem o pendor da sciencia moderna. Hoje pouco se inventa. Desde Copernico até Gause, desde Boyle até Berzelius, desde Torricelli até Faraday, surgiu uma tal pleiade de talentos vigorosos e audazes, de genios investigadores e profundos, que de tal modo alargaram e expandiram os horisontes da sciencia, e devassaram tantos segredos,

que hoje é difficil a observação, difficilimos os descobrimentos.

Nos tempos, que vão correndo, em que as applicações praticas abundam tanto, a sciencia transformára-se em arte, se a philosophia não a alentasse e guiasse.

D'aqui essa vastissima synthese, que determina as leis geraes, que residem na materia. D'aqui essa segunda analyse dos factos descobertos e dos phenomenos já conhecidos, para extrahir os grandes principios, que são a *anima* do mundo. D'aqui essa tendencia á simplicidade, á unidade, á prototypia, tendencia porventura fatal, inconsciente até, e que pôde conduzir ao absurdo e ás vezes á escuridão, quando galgamos as raias do conhecido e trilhamos o campo das hypotheses e conjecturas.

Entre as syntheses mais formosas e admiraveis da sciencia, nenhuma encontro, que mais me tenha prendido, do que a da força e do movimento.

Reduzir a força a um typo unico, mostrar que todos os movimentos são gerados por uma só causa ou antes que ha só um movimento, propriedade essencial de materia movimento que se transforma em todos os outros, que coisa mais para admirar e espantar!

Disse eu que esta é uma das syntheses da sciencia, e está-me parecendo que é a unica, que é a mesma sciencia.

Pois se nós chegássemos a descortinar, não já a essencia da *força*, senão o modo porque se transforma nos immensos movimentos, que constituem a vida na accepção mais lata e grandiosa; se alcançássemos a profundar esse mysterio incomprehensivel da vida cosmica em todos os seus recessos e arcanos mais intimos, a sciencia houvera attingido quasi a perfeição, e o homem fóra um semi-deus. Só então é que o ignoto poderia ser medido e as trevas tenderiam a dissipar-se completamente. A genesis dos mundos do seio do cahos, as differentes eclusões de vida em todas as ordens, todas essas infinitas e varias transformações poderiam ser determinadas.

E se o homem, collocando-se pela intelligencia na origem das coisas, conhecesse todas as circumstancias da força, do tempo e espaço, veria desfilar diante de si, como em correria phantastica, o universo inteiro, e os mundos formando um cortejo esplendido trazer-lhe-hiam as pareas dos seus segredos.

Mas quem poderá conhecer essas circumstancias de espaço, tempo e força? Qual a intelligencia, por mais vigorosa, que não vergue perante o infinito da materia?

Qual o homem que ascendendo do conhecido para o desconhecido, não pára espavorido, absorto, esmagado, e ajoelhe e adore, ou o creador, que deu vida ao cahos, ou a força ingenita, que bafejou a materia?

Por mais que a sciencia caminhe, dando mesmo de mão ao muito que falta para estudar, o homem não pode abarçar o universo, e ainda menos a causa d'elle.

Acceptando porém, como incontroversa a nossa pequenez, e não intentando determinar a essência da força, d'esse *quid* incompreensível e intangível, a sciencia pôde desde já apresentar grandísimos resultados e formar uma synthese sublime.

Será este se tanto poder o fito principal do trabalho, que ora entrego á apreciação dos leitores do *Panorama*.

(Continua)

A GALATEA MODERNA

Por A. OZORIO DE VASCONCELLOS

II

D. Violante á baroneza do Alpedral

Minha querida:—Tudo dorme n'este abençoado e derrocado solar. São onze horas da noite. O silencio é profundo e completo. Nada interrompe a mudez nocturna senão os ruidos solurnos e mysteriosos da natureza. Que differença entre este viver e o teu.

Tu, minha querida, lá vaes descrevendo a tua orbita, como um astro radioso, nos salões illuminados, nas festas esplendidas, cegando com o teu brilho os bastos admiradores. Eu, pobre violeta esquecida n'estes fraguados, em vão abro as petalas aveludadas, que não encontro raio de sol que me aqueça e acalente. Tudo dorme, só eu velo. Ah! Alguem mais está acordado. Advinha. Não te demores a pensar, que nada concluirás. Sabes quem chegou hoje a esta velha casa, que ameaça desabar com o primeiro temporal? Sabes quem veio procurar abrigo n'este tecto alluido pelos seculos? É o elegante Alfredo de Mello, nosso parente, no qual me fallaste tanto, durante a tua estada em Cintra no passado verão.

Não te admires. Não rias. Agora está elle escrevendo no seu quarto, que apesar de mlu, é o melhor da casa. Estou-me lembrando dos transe, que soffreu Ravenswood quando recebeu a bella Lucia na sua torre da Wolfscrag. O que dirá Alfredo da nossa pobreza, que mal posso disfarçar com uns restos de antigo esplendor! Tu não sabes o triste estado a que chegámos. Não julgues que te peço esmola. Louvado Deus podemos viver na provincia sem vergonha. Mas é necessario acabar com o fausto, que meu pai exige, sem se lembrar que cada anno vae desfalcando o seu rendimento.

Ah! mas como estou atreita a divagar. Perdôa...

Alfredo chegou já muito noite, como bom paladino que se preza de ser.

Julgava elle provavelmente que vinha encontrar provinciana bonita, mas boçal. Enganou-se, francamente l'ô confesso e ficou espantado do engano. As tuas lições e a leitura de romances de alguma coisa me serviram. Fallou muito de poesia bucolica, da placidez e innocencia dos campos, não sei se invocou as dryades e os zagaes de Greuzé. Decididamente o meu caro primo parece-se estupendamente com o cavalleiro de Florian,

auctor da Numa Pompilio. Fiquei-o conhecendo por dentro e por fóra.

Vê se approvas o retrato, que faço d'elle.

É bonito e cavalheiroso. Tem bom coração. Acredita-se conquistador. Tinha-me em pequena conta. Quer namorar-me, porque lhe sai muito diversa do que julgára. Toma-me como o seu ideal, porque sou enigmatica. Eu por mim quero fazer a vontade de meu pai, que ha muito poz os olhos em Alfredo para erguer a casa das ruinas, e dar novo lustre ao seu antigo brazão. Alfredo é rico, possui quatro contos de renda em herdades alemtejanas. É já boa herança. Se me perguntas o que diz o meu coração, nada te posso responder. Sinto-me inclinada para o meu primo, mas não sei se esta inclinação nasce do meu profundo horror pela pobreza.

Que triste futuro, me aguarda aqui n'esta aldeola do Minho! Talvez algum casamento com um d'estes morgados, cuja parvulez excede muito a de todos os Osbalditones, que figuram no Rob-Roy de Walter Scott. Imagina a minha vida, se por acaso Alfredo me não quizesse. Ligada eternamente a algum:

Bojudo beirão morgado
A quem os canhões afrontam,

como diz Tolentino, seria misera castellã de uma casa arruinada, vestindo por uns figurinos fosseis, e banhando-me todos os outomnos nas ondas da Foz, depois de visitar o Porto de braço dado com meu marido, que se revê de vaidoso no chapellino desabado, com fitas vermelhas e pingentes amarellos, que me comprou na modista mais acreditada da rua de Santo Antonio. Que horror! Ah! Se eu puder algum dia pisar os salões de Lisboa! Que de fremitos, no walsar vertiginoso! Com que prazer hei de requeimar-me nos lumês scintillantes! Como te imitarei ó minha querida! Como heide respirar com ancias essa atmosphera ignea!

Corramos o veua tantas venturas. Perdôa-me estas confissões ingenuas. Sou uma creança. Apenas conto dezoito annos passados n'uma aldeia sertaneja. Que loucura! Pois não ia eu dizer, que amo Alfredo, o eleito do meu coração! E quem sabe?

Vem a romper a aurora por entre as franças dos pinheirões da serra.

Alfredo já apagou ha muito a luz do seu quarto. O que escreveria elle? Peza-me este silencio. Parece que a natureza tambem dorme antes da madrugada. Logo tenho os olhos inchados da vigilia.

Que heide fazer? Já é ser *coquette*, não é assim? Adeos. Se eu pudesse sonhar venturas! Pelo menos o meu sonho ha de ser dourado.

Tua do coração — VIOLANTE.

(Continua.)

O PAVÃO E A CEGONHA

Pavão orgulhoso abrindo emproado
Do leque vistoso matiz variado,

A sua belleza se poz a mirar,

E á leve Cegonha, que ali vio chegar,

«Afasta-te (disse) villã e zoupeira;
 «Sem cores, sem garbo, faminta grosseira!...
 «Desprega se podes o leque como eu!...
 Prudente a cegonha se rio do sandeu,
 E rapidamente as azas abrindo,
 Aos ares patentes qual setta subido,
 Librando-se airosa dé lá lhe bradou:
 Remonta uma vez á altura em que estou,
 O meu cavalheiro, que assim me despreza
 Injuria seria de tanta belleza

Não poder ás vezes erguer-se do chão,
 Nem mais do que um gallo, voar um Pavão.

Leitor se não gosas melhor galhardia,
 Que nobre prosapia com vã ufania,
 Não zombes d'aquelle que humilde nasceu,
 Talvez em desconto natura lhe deu
 Engenho, e virtude que o encham de gloria,
 E só por teus vicios, tu lembraes na historia.

COSTA E SILVA.



OS CORVOS-MARINHOS

Estas aves aquáticas são grandes consumidoras de peixes, especialmente dos de agoa doce, e perseguem-os com extraordinaria rapidez.

Logo que o corvo-marinho avista o peixe nadando pacificamente no seio da agua, em um abrir e fechar de olhos, mergulha, agarra a victima, que em vão tentaria fugir-lhe, tral-a á superficie, e, para engulil-a, coisa notavel! por um movimento agil, atira-a ao ar, de fórma que venha a cair de cabeça para baixo, e recebe-a, então, sem resistencia da parte das barbatanas, que se acamam sobre o corpo. Se algumas vezes acontece haver falta de destreza, nem por isso o peixe escapa á voracidade do seu terrivel adversario; porque persegue-o de novo, torna a agarral-o e lança-o ao ar, como da primeira vez, até que a queda produza o desejado effeito.

Em muitos paizes tem-se aproveitado a habilitade dos corvos-marinhos, ensinando-os a prestar ao pescador os mesmos serviços que o caçador obtem do falcão adestrado. Esta pesca, outr'ora muito usada em Inglaterra, ainda o é (vêde a gravura) em alguns pontos da parte oriental da Asia. O corvo-marinho domestico traz ao pescoço um anel muito justo; collocado na borda do barco, que o seu dono dirige, ao avistar o peixe, mergulha, lança-se sobre elle e volta para o seu posto trazendo a presa atravessada no bico, com uma fidelidade, da qual é, sem duvida, a mais segura garantia o anel, que impede a entrada do peixe no papo da ave.

A maior parte dos corvos-marinhos, tão bons voadores como nadadores, procuram a sociedade dos seus congéneres; fóra da época da creação, durante a qual estão constantemente reunidos, encontram-se quasi sempre em pequenos bandos. O grande consumo do seu alimento torna-se o flagello das lagoas e dos rios e obriga-os a não se deterem muito tempo no mesmo lugar. O peixe de que elles parecem mais golosos é a anguia; pelo menos é o que mais se tem encontrado no estomago dos que se tem examinado. A carne d'esta ave, fetida e negra, é um alimento que repugna; por isso não se faz uso d'ella senão por grande necessidade.

O corvo-marinho pertence ao pequeno numero dos palmipedes dotados da faculdade de se empoeirarem. Os seus ninhos, construidos de junco e hervas, encontram-se mais a miude nas arvores, do que nas concavidades dos rochedos. A postura ordinaria é de tres a quatro ovos. Os corvos-marinhos da China são de um pardo denegrido pela parte superior do corpo, esbranquiçados pela inferior, garganta branca, bico amarello, iris azul, pés denegridos e doze rectrizes.

A riqueza é uma rainha que dá a nobreza e a formosura. A propria Venus e a eloquencia lhe fazem côrte.

PEREZ LORENZO

(Scenas da Campanha do Mexico)

Por PINHEIRO CHAGAS.

V

Entretanto formava-se silenciosamente a contra-guerrilha á porta do quartel, e desfilava, sem fazer o minimo ruido, pelas ruas de Medellin.

A cavallaria fóra dar uma volta maior afim de torneiar a casa de D. Ramon, para que não sentissem lá o tropear dos cavallos. Viarmont, que ia no seu posto, passando ao longe, pôde ver o terraço, onde estivera havia um instante bem alheio a pensamentos bellicosos, e pelas janellas illuminadas da sala vio perpassarem as sombras graciosas dos pares que rodopiavam no trêfego volteiar da valsa. Aquella scena de prazer, de amor, de folguedo illuminada pelo fulgor vivissimo dos candelabros, contrastava de um modo tão notavel com o silencio da campina, o vento frio que obrigava o capitão Viarmont a conchegar-se nas dobras da sua capa, o aspecto pouco gracioso dos seus rudes cavalleiros, e a desagradavel perspectiva de um combate nocturno, que o official francez não pôde deixar de exclamar de si para si, torcendo o fino bigodinho, que lhe ensombrava o labio superior:

—*Chien de métier!*

A infantaria e a cavallaria reuniram-se fóra da cidade. Perez Lorenzo lá ia na frente, isolado e envolvido no seu eterno manto, e respondendo monosyllabicamente ás perguntas dos officiaes francezes.

O céu continuava a desdobrar o seu docel azul sem mancha, onde palpitavam as estrellas. O vento, esvoaçando por entre os palmares e os bananaes da estrada, impregnava-se em calidos perfumes, que sacudia depois das azas sobre os soldados, como que aconselhando-os a que não fossem perturbar com as suas pelejas a tranquillidade inalteravel d'essa risonha natureza.

Viarmont scismava, e não era já o vulto de Dolores o que lhe assomava na phantasia. O pensamento voava-lhe para as terras da patria, para a quinta á beira-mar junto de Bordeus, onde sua velha mãe, com os olhos cravados no Oceano, esperava anciosa ver surgir no horisonte a vela branca ou a columna de fumo, que lhe annunciaria a volta do filho querido. Via-se a si mesmo passeando pelas suas terras, cujas ricas messes estavam sendo ceifadas pelos segadores, e respirando com alegria o perfume da terra natal, deliciando-se com as bucolicas delicias d'essa campestre scena, fruindo os gosos da paz e da familia; e vendo-se agora sósinho em terra estranha, devastando, por sinistro dever, o solo a que outros se prendiam com o mesmo affecto com que elle se afferrava ao solo da Guyenna, perturbando a tranquillidade que outros gosavam aqui como elle a gosava além, não podia deixar, apesar da sua bravura, de pensar nas tristezas da guerra, e no absurdo d'esse dever que obriga um homem por ponto de honra, a ser scelerado, e a obedecer ao capricho sanguinario de outro homem, que só d'elle differe em

vestir a purpura monarchica em vez da farda militar.

Mas estas philosophicas reflexões, que davam, bem apuradas, a substancia de um discurso que seria muito applaudido no congresso de paz, desvaneceram-se promptamente quando, depois de duas horas de marcha, souo de subito o clarim e uma ordenança do coronel Dupin, correndo a galope sobre uma das vedetas dos guerrilhas, a degolou sem que ella tivesse tempo de dar um grito que avissasse os seus companheiros.

Parecia comtudo que um Mephistopheles mexicano se estava divertindo a lograr os francezes com *tours de passe-passe*. Ainda d'esta vez, segundo parecia, tinham escapado os bandidos. Em seu logar estava um bando de mulheres indias, em trajés ligeiros mas, tendo cada uma d'ellas uma esplendida *crinoline*. Ufanas do seu balão, estavam as pobres mulheres immoveis no meio da casa, como temendo que, se dessem um passo, transtornassem a magestade do seu porte. Espan-taram-se os francezes, e ainda mais do que elles Perez Lorenzo, do extraordinario luxo d'essas creaturas semi-selvagens, luxo que, limitando-se ao balão, contrastava de um modo notavel com os farrapos que as vestiam. Com mais curiosidade do que delicadeza picou Perez Lorenzo com a ponta da sua espada uma das *crinolines* das senhoras. Realisou-se, com pouca differença, o soneto de Nicolau Tolentino sobre os toucados altos. De um d'estes saio um colção; da *crinoline* da India brotôu um homem, e logo em seguida todos os outros balões se achataram, dando cada um á luz um bandido armado com punhal e pistolas e disposto a vender cara a sua vida.

Mas os francezes já estavam preparados para estas surpresas; e desde a aventura dos enxergões, tinham sempre o olho em saia ou colção, que apresentasse dimensões suspeitas. Os guerrilhas, que, sem terem lido Homero, saltavam a flux dos novos cavallos de Troia, encontraram para os apararem as bayonetas dos francezes.

Foi breve a resistencia porque se vio que era escusada a lucta.

Perez Lorenzo, logo no principio do incidente, soltára um grito de jubilo, vendo apparecer um homem de estatura elevada e de vigorosos musculos, que parecia ser o chefe da guerrilha. Lançou-se a elle com os dentes fincados; acceitou o bandido a duello, e, enlaçando-se nos braços vigorosos, travaram-se arca por arca, embebendo um no outro os olhos em que susilava um rancor insano.

Quizeram os contra-guerrilhas, já vencedores dos seus adversarios, intervir na lucta e apoderar-se de Juan Pablo, que esse era o que luctava com Perez Lorenzo. Este porém fez um gesto para pedir que o deixassem desajudado na lucta. Arredaram-se todos, como os combatentes da idade media, quando n'alguma batalha se encontravam face a face dois paladinos cujo duello se tornava espectáculo brilhante para os membros d'essa geração cavalheirosa.

Os dois mexicanos, que luctavam corpo a corpo

no combate singular, eram especimens differentes de robustez, mas inculcavam ambos vigor acima do vulgar. A força de Perez Lorenzo era toda nervosa, a de Juan Pablo provinha essencialmente de uma reforçada musculatura. A robustez de Perez Lorenzo não lhe prejudicava a elegancia do talho, e a delicadeza das fórmãs; Juan Pablo, pelo contrario, tinha fórmãs verdadeiramente taurinas.

Esteve por largo tempo indeciso o combate; os contra-guerrilhas, selvagens mal disfarçados com uma leve tintura de civilisação, que a primeira circumstancia, que lhe pozesse em fogo as paixões, levava immediatamente, davam gritos de enthusiasmo, como se assistissem a uma corrida de touros. E a comparação não é das menos acertadas, porque effectivamente Juan Pablo investia com a brutalidade cega do boi; Perez Lorenzo esquivava-se-lhe aos impetos com a destreza do capinha, não deixando por isso de lh'os subjugar com o vigor do homem de forcado quando se lhe deparava en-sejo. Furioso de ver constantemente escapar-lhe o adversario, Juan Pablo, que primeiro combatera desarmado, deu um pulo á retaguarda, e sacou de uma navalha.

Ao verem esta infracção á lei do duello, os contra-guerrilhas soltaram um grito de desapprovação, e correram para castigarem o audacioso. Mas de novo Perez Lorenzo fez um gesto e bradou com voz colerica:

—Ninguem se mova.

E, correndo para Juan Pablo a fim de lhe não dar tempo de jogar-lhe a faca, com um movimento rapido agarrou-lhe os pulsos, e apertou-lh'os com um vigor incrível. Grande foi a surpresa dos espectadores d'esta scena, quando viram as mãos delicadas de Perez Lorenzo prenderem como n'uma torquez os braços vigorosos do seu adversario. E mais espantados ficaram quando o gigante soltou um bramido de dor, descorou, e, deixando cair a navalha dos dedos inteiriçados, vergou e caiu de joelhos proferindo uma blasphemia.

Um applauso entusiasta acolheu esta façanha do mysterioso mexicano.

Mas este nada ouvia. Brilhava-lhe nos olhos uma alegria feroz; pondo um joelho em cima do peito do chefe de guerrilhas, pediu uma corda, que os soldados logo lhe atiraram. Depois arrastou-o para fóra da choupana, bradando:

—Emfim.

A lua esplendia no céu azul e banhava as florestas com as ondas da sua luz prateada. Um vago e delicioso murmúrio se exhalava dos ramos agitados pela doce brisa das noites. A natureza jazia immersa em profunda paz.

Perez Lorenzo, arrastando a sua preza, sumiu-se nos recessos da floresta.

—Vamos, disse o coronel Dupin, por hoje está acabado. Meus senhores, continuou voltando-se para os seus officiaes, se tem alguma polka ou alguma valsa promettida em casa de D. Ramon, parece-me que ainda podem ir exigir o cumprimento da promessa.

—Confesso-lhe, coronel, acudiu Viarmont, que n'este momento não desgostava, em vez de dançar, de me divertir um pouco vendo bailar este verdugo maldito, que temos trazido agarrado a nós, no ramo de uma arvore. Nunca bicho venenoso me causou maior repugnancia do que este selvagem com apparencias de cavalheiro, que passa a sua vida a encher de fructos humanos as arvores d'estes bosques:

—Capitão Viarmont, respondeu o coronel com seriedade; este homem é menos criminoso do que pensa; tem paixões selvagens é verdade, mas foi um motivo bem justo, que lh'as soltou. Nunca esteve na Corsega, capitão?

—Dois dias apenas; arribámos lá na passagem de Toulon para Alger.

—Pois eu estive dois annos de guarnição em Ajaccio; conheço as montanhas da ilha e os montanhezes. Juro-lhe que os Perez Lorenzos não são raros por lá.

N'este momento um grito horrivel atravessou os ares, e veio expirar no ouvido das tropas francezas.

Todos se entre-olharam com espanto; mas os prisioneiros pareceram perceber mais rapidamente o que occasionára esse grito, porque murmuraram um: «Caramba», que revelava a ira impotente que os salteára.

A tropa poz-se em marcha. Ao chegarem á orla extrema do palmar viram um vulto negro, que se baloiçava nos ares.

Era o cadaver de Juan Pablo.

(Continua)

Um bom cidadão nunca se vinga d'uma injuria particular; mas arrisca, boamente, a vida pelo bem publico.

BEATRIZ

X

«—Se te hei de amar sempre, e sempre?...

Pois tu não sabes, querida,
Que o meu ser, a minha vida
Provem de ti?

Não vês como eu sou ditoso
Quando te abraço e te beijo?
Que tudo quanto desejo
Termina aqui? —

Se te hei de amar!...—que me importa
Senão teu meigo sorriso?
Não me deste o paraíso,
No teu amor?

Como é possível que um dia
Te esqueça, rosa innocente,
E te esfolhe na corrente,
Candida a flor!

Oh, tu és a minha estre'la,
O meu anjo, a providencia
Que em minha negra existencia
Tem só poder.

Quero seguir-te, enlevar-me
No teu gesto peregrino:
Não ha mais bello destino,
Nem pode haver! —

E tu vacillas, tu pensas
Que deve alguém condemnar-te,
Porque vim cego adorar-te,
Porque te amei,
Porque me deste os thesouros
Do teu seio palpitante,
Porque anceio a cada instante
Quanto gossei?...

Quem és tu?... que tem o mundo
Que tu me abrases agora?
Quem ouve o mundo? quem chora?
Que mal te fiz?...

Quem pensa que existe um crime
N'esta alegria encantada
Em que a nossa alma arrobada
Voa feliz?...

Sim tu és minha; o teu peito
Inda convulso lateja,
Fervido raio lampeja
No teu olhar;

Sim tu és minha, que eu sinto
Que me apertas contra o seio;...
Não penses, não, que este enleio
Possa findar!...

Sim tu és minha, e na vida
Outro sol não me illumina,
Quanto me alegra e fascina
Provém de ti.

Ha luz do ceu na minha alma
Quando agitado te beijo:
O que eu sonho, o que eu desejo
Termina aqui.

Amar-te é viver, e eu quero
Levar cantando esta vida;
Só nos teus braços, querida,
Quero expirar;

Oh, mas sentindo que o peito
Inda te anceia e lateja,
E que um rayo inda lampeja
No teu olhar! —»

(Continua)

E. A. VIDAL.

ANGELICA

Se Deus me perguntasse o que eu mais q'ria,
¿ que julgas tu que a Deus eu pediria?

¿ talvez sabedoria,
como a pedio outr'ora Salomão?
ou de Crésos os innumerados thesouros
que assombraram presentes e vindouros?

Oh! não, mil vezes não!
eu calcaria as pompas da opulencia,
eu fecharia os olhos á sciencia,
e só pediria então

— como palma devida ao meu martyrio —
respirar teus perfumes, branco lirio,
unir-te ao coração.

CANDIDO FIGUEIREDO.

Feliz o pai, de cujo filho se pode dizer: É a
imagem da humanidade e da probidade de seu pai.

A prosperidade attrae amigos falsos e a adversidade afugenta-os.

A virtude deve ser sempre recompensada, seja qual for o estado ou habito sob os quaes ella se encontra.